



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o Presidente da Turquia, Abdullah Gül, após assinatura de atos

Ancara, Turquia, 22 de maio de 2009

_____ : Feliz e honrado eu estou para dar as boas vindas a ele aqui na Turquia e mais uma vez, Presidente, queria dar as boas vindas ao senhor aqui.

Presidente: Eu já disse ao presidente Abdullah que eu estou realizando um sonho em estar conhecendo a Turquia, porque há muito tempo eu tinha vontade de conhecer Istambul. Também porque quando eu recebi o Ministro das Relações Exteriores... Normalmente, não é hábito um presidente receber o Ministro de Relações Exteriores. É que o Celso Amorim, muito amigo de todo mundo, todos os ministros de Relações Exteriores que vão ao Brasil, o Celso Amorim faz questão de partilhar comigo a visita dos companheiros.

Então, o Celso Amorim me disse: “Olha, tem um ministro das Relações Exteriores da Turquia, grande amigo meu, aqui, que eu acho extremamente importante o senhor recebê-lo”. Eu o recebi, e vejam como eu fiz a aposta certa. Eu o recebi enquanto ministro, e agora ele está me recebendo enquanto Presidente da República. Vocês percebem que a aposta foi bem feita.

Eu quero crer que a imprensa da Turquia, que está aqui, e a imprensa brasileira, devem estar se perguntando porque essas reuniões e esses seminários não aconteceram há muito mais tempo, porque se passaram 134 anos sem que um mandatário brasileiro visitasse a Turquia, ou o da Turquia visitasse o Brasil. No fundo, no fundo, no fundo, nós temos que analisar muitas coisas que aconteceram conosco no século XX, do ponto de vista das nossas relações políticas, das nossas relações culturais e comerciais, para que a gente



tente aperfeiçoar aquilo que foi correto, mudar aquilo que foi errado, e estabelecer uma nova dinâmica nas relações para o século XXI. Até porque tem um fato novo, e o fato novo é a crise econômica. O fato novo é que a crise econômica está obrigando que vários países do mundo revejam valores, revejam a posição que tinham do papel do Estado e revejam a posição que tinham sobre o chamado papel do mercado.

Nós estamos precisando descobrir novos parceiros, porque tem uma coisa séria nessa relação comercial... é que cada país está tentando fazer o que pode para ter menos prejuízo possível. E aí os países que importam mais estão diminuindo as importações, sem levar em conta que outros países fizeram da sua economia uma parte de exportação para um país que deixou de importar.

Então, há um entrelaçamento de problemas que o Brasil vive, que envolve até os países que não deveriam ter nada com essa crise, porque a primeira coisa que desapareceu com essa crise foi o crédito. Depois que desapareceu o crédito, aumentou o *spread* bancário no mundo inteiro. No mundo inteiro, os bancos ficaram meio seletivos e, portanto, com dinheiro curto, com maior demanda do que oferta, o preço do dinheiro subiu e o comércio mundial refluiu. No mundo inteiro, alguns mais, outros menos. Isso explica um pouco da minha visita à Turquia. Isso explica um pouco da peregrinação que estamos fazendo por vários continentes, que é a tentativa de estabelecer novas parcerias e fazer dessas parcerias um levantamento, primeiro, das similaridades entre os países, seja do ponto de vista tecnológico, seja do ponto de vista do processo de industrialização, seja do ponto de vista do potencial de importação ou de exportação. E a segunda coisa, a gente viu quais as oportunidades que podem ser construídas com os países.

Então, para mim, chegar à Turquia – e está aqui o companheiro Renato, diretor internacional da Petrobras – assinando um acordo com empresas de petróleo da Turquia para procurar petróleo no Mar Negro, isso, por si só, já



valeria eu ter seguido os passos de Dom Pedro II e ter chegado à Turquia que, certamente, não é o império que era no tempo de D. Pedro.

É uma República e, portanto, na democracia, nós temos que ouvir mais gente para tomar nossas decisões. Nós precisamos, portanto, exercitar mais a nossa habilidade, o nosso sentimento e a nossa competência política. Mas eu quero dar os parabéns à Petrobras e à empresa TPAO, porque é um passo importante.

A segunda coisa são as perspectivas, as perspectivas de dois países, com PIB próximos, com populações grandes: o Brasil com uma importância extraordinária no mundo sul-americano, latino-americano, e a Turquia com uma importância extraordinária em uma parte do mundo asiático e em uma parte do mundo europeu. É o único país do mundo no qual a gente bota o pé em dois continentes no mesmo momento.

E aí se abre uma possibilidade extraordinária para o Brasil na área de produção de biocombustíveis. Quando eu falo de biocombustíveis em um país como a Turquia, eu não estou pedindo para que os empresários turcos peguem as terras que estão prontas para a agricultura, acabem com elas, e plantem biocombustíveis. Não. Eu quero que continuem produzindo comida. Mas Brasil e Turquia podem fazer parcerias e produzir etanol em terceiros países. Por que não podem, Turquia e Brasil, fazer uma parceria e produzirem etanol em um país africano? Ou por que não podem fazer parceria um empresário turco e um empresário brasileiro, e produzir o etanol de que a Turquia precisa, no próprio Brasil?

O importante é que nós temos que convencer também o nosso empresariado de que a lógica não é apenas a lógica de vender ou comprar, porque também há um desejo prioritário de cada país que quer ter superávit primário, que quer ter superávit comercial. Todo país, seja socialista ou não, todos querem ter superávit comercial. Queremos vender mais do que comprar. E olhe que essa não é a melhor política. A melhor política é quando o comércio



é equilibrado e quando as empresas dos dois países se juntam para produzir alguma coisa nova, e cada país ganhar uma parte daquilo que foi o seu investimento.

É com essa perspectiva que eu vim à Turquia, e é com essa perspectiva que eu saio da Turquia. Acho que nós, eu e o presidente Abdullah, tivemos hoje um pouco, eu diria, que recuperar o tempo perdido nas relações entre Turquia e Brasil.

Quem veio, é importante, sobretudo a imprensa turca e a imprensa brasileira, marcar a data de hoje, pegar o saldo da balança comercial de hoje, pegar os níveis que nós temos hoje para, daqui a três ou quatro anos, vocês medirem para saber se houve ou não evolução.

Será inexorável uma mudança no comportamento dos empresários brasileiros, dos empresários turcos, e será inexorável a mudança nos nossos ministros e nos nossos dirigentes. Já este ano, o Primeiro-Ministro tem que ir ao Brasil, porque vai ter a Cúpula em maio. Não é em agosto? Em maio.

Eu falei com o Presidente que é importante que ele vá ao Brasil antes de eu deixar a Presidência, que é... só tem até o dia 31 de dezembro de 2010. Mas até lá, certamente, os nossos ministros vão trabalhar fortemente, e os nossos embaixadores, para que esses encontros empresariais se repitam de forma mais sistêmica. E agora nós somos parceiros do G-20, do G-20 Financeiro – eu e o Primeiro-Ministro participamos muito. Se a Europa não tivesse criado dificuldades, a Turquia seria também do G-20 Comercial, da OMC. Nós, então, nos encontraríamos três ou quatro vezes todos os anos, e isso facilitaria a gente trabalhar o entrosamento entre os dois países.

Eu queria parar de falar, dizendo ao presidente Abdullah que hoje à noite, quando eu regressar ao Brasil, eu volto com a sensação de um presidente que viajou destinado a cumprir um determinado... uma determinada tarefa, e eu acho que nós cumprimos. Finalmente, o Brasil se reaproximou da Turquia. É como se nós tivéssemos... não apenas da Turquia, mas vários



outros países que eu já visitei nesta região. O último mandatário que veio aqui foi D. Pedro. A Arábia Saudita foi, o Líbano foi, o Egito foi. Então, na verdade, nós estamos fazendo uma agenda, não para seguir os passos dos presidentes que governaram o Brasil há 10 ou 15 anos, mas para quem governou o Brasil há cento e poucos anos. E descobrimos que é lamentável que os nossos dirigentes não viajassem para difundir o Brasil ou para fazer negócios.

Então, eu saio daqui convencido de que a partir de hoje nós somos mais irmãos do que éramos ontem, e a partir de hoje nós estamos muito mais próximos do que estivemos em qualquer outro momento da nossa história.

Quero, de público, agradecer o carinho do povo turco, o carinho do seu governo, o tratamento que deram aos meus ministros e à minha delegação, e dizer que eu espero retornar à Turquia quando não for Presidente, para aqui descansar um pouco.

Jornalista: (em turco)

Presidente: Não, agora eu estou bem (incompreensível)

Jornalista: (em turco)

Presidente: Olha, por coincidência, eu ontem recebi o Roberto Carlos no hotel e conversamos um pouco. Parece-me que hoje no jantar virão outros jogadores aqui a convite do Presidente.

Eu fico feliz pela Turquia, de os times de futebol da Turquia terem recursos para contratar jogadores importantes do meu País. Então, eu fico feliz porque a maioria dos jogadores são meninos de origem pobre que, dentro da sua sabedoria – suas pernas – têm a chance de ganhar dinheiro, e acho que eles ganham bem, e fico feliz que os times turcos tenham poder de compra para trazê-los para cá. Lá no Brasil nós não tínhamos dinheiro, hoje, para levar



um jogador de nível da Seleção. Não tem nenhum time brasileiro que conseguiria manter um jogador de nível da Seleção jogando no Brasil. Esse é um dado concreto e real dos últimos 15 anos no Brasil.

Eu sei do sucesso desses jogadores aqui. Eu, de vez em quando pego, em uma TV a cabo, os times da Turquia jogando – o Alex está jogando muita bola, o Roberto Carlos está jogando bem, outros jogadores estão jogando bem – e eu, como Presidente do Brasil, torço por eles, para que eles sejam felizes, para que eles possam ajudar os times turcos a ganharem. Eu sei do sucesso que o Zico fez aqui como técnico, e que levou um time turco às quartas de final. A (incompreensível) do Zico não é pouca coisa. Espero que vocês só não contratem jogador do meu time, porque (incompreensível), vocês contratem jogador do meu time. O Ronaldo voltou a jogar no Corinthians. O Ronaldo voltou a ser a sensação do Corinthians, embora faça uns três jogos que não marca um gol. Mas ele, aos 32 anos de idade, está... Vai dar o título ao Corinthians ainda.

O problema do esporte brasileiro – eu falei para o Presidente um pouco aqui – [é que] no Brasil nós não vemos mais os jogadores jogarem quando estão no auge da sua carreira, porque nós vemos o jovem jogar até 18 anos. Com 18 ou 19 anos eles vêm para cá, ficam 12, 13 ou 14 anos, e voltam para lá já aposentados. A gente só vê jogar pela televisão ou na Seleção Brasileira. Então, é o que dizia o Vanderlei Luxemburgo, um técnico importante no Brasil: “O Brasil não é mais onde se pratica o melhor futebol do mundo. O Brasil é o país que mais cria craques”. É uma fábrica de produzir jogadores, mas o bom futebol do mundo é praticado nos campeonatos europeus, no campeonato inglês, onde as pessoas têm mais dinheiro para pagar mais a um jogador. Então, eu fico feliz que a Turquia está tendo uma importância muito grande no futebol europeu.

(Incompreensível)



Jornalista: Bom dia, Presidente. *Gunaydin*, Presidente. Não sei se eu falei certo. Espero que tenha falado certo. Presidente, eu queria voltar a essa questão da Petrobrás, que o senhor falou muito bem aí, e perguntar uma coisa ao senhor. A Petrobras está investindo forte no pré-sal, no Brasil, e ao mesmo tempo está se espalhando, está começando a se espalhar pelo mundo. Ontem o senhor inclusive deu, vamos chamar de uma bronca na Petrobras, porque a Petrobras demorou muito para chegar à Turquia. É uma pergunta dividida em dois itens. Primeiro, é possível, dá para abastecer os dois lados dessa questão ao mesmo tempo, quer dizer, investir no pré-sal e investir no pré-sal e investir no exterior? Essa é uma questão. A segunda questão, Presidente, é com relação ao processo... Quer que eu repita, Presidente? A segunda questão é com relação a esse processo, que está rolando a CPI do Senado da Petrobras. A Petrobras está sob investigação no Brasil. Eu queria saber se isso, de alguma maneira, pode atrapalhar futuros contratos e eu queria um comentário sobre essa questão do Presidente turco. Obrigado.

Presidente: Primeiro, eu acho que a Petrobras tem condições de fazer investimentos fora e fazer investimentos dentro. É importante também que as pessoas saibam que, para a Petrobras descobrir o pré-sal, não foi sorte como alguns tentam dizer. A Petrobras saiu de 500 milhões de investimento em pesquisa para 2,5 bilhões de investimento em pesquisa, e você sabe que pesquisa é isso: se você investe, você encontra, se você não investe, você nunca encontra. Às vezes você investe e não encontra nada, mas nem por isso o investimento é menos precioso. A Petrobras está investindo muito mais em pesquisa do que ela já investiu em qualquer outro momento da sua história e, por isso, ela está encontrando petróleo dentro do Brasil e está encontrando petróleo em outros países. Se a gente tiver a possibilidade de se associar a outras empresas pelo mundo, nós vamos nos associar, porque nós não precisamos nos contentar em ser a segunda, a terceira, a quarta ou a quinta



(incompreensível) empresa de petróleo. Nós vamos querer ser a primeira. E acho que nós ficamos muito tempo sem fazer investimentos, sem fazer participação em outros lugares. Nós retomamos isso há pouco tempo e para a felicidade da Petrobrás, porque hoje ela tem mais tecnologia, tem mais conhecimento e isso é importante. Então, o fato de a gente estar explorando o pré-sal, só fomenta a gente a fazer mais parcerias fora, porque significa que nós já temos certeza de que tem petróleo no pré-sal, portanto não estamos fazendo uma aventura no escuro.

Com relação ao processo interno do Brasil, eu queria até pedir desculpa para você por não tocar neste assunto até voltar ao Brasil, porque eu gostaria de saber qual é o fato determinado de uma CPI. No fundo, no fundo, no fundo, no fundo, ainda não está bem explicado qual é o motivo dessa CPI. Portanto, deixa eu voltar para o Brasil para eu poder ouvir as pessoas lá, o que têm para me dizer.

Pronto?

(\$31FGJLMQ)